

## Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária, constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, em Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● Em Outubro de 2022, realizou-se nova conferência mundial, em Paris, precedida de uma conferência internacional das mulheres trabalhadoras. Delegados de 43 países subscreveram um apelo que actualiza o Manifesto de Mumbai à luz da situação mundial (\*).

● Compõem o comité de acompanhamento militantes operários de todas as tendências:

**Camille Adoue** (França)  
**Innocent Assogba** (Benim)  
**Alan Benjamin** (EUA)  
**Colia Clark †** (EUA)  
**Adama Coulibaly** (Burkina Faso)  
**Constantin Cretan** (Roménia)  
**Berthony Dupont** (Haiti)  
**Daniel Gluckstein** (França)  
**Rubina Jamil** (Paquistão)  
**Christel Keiser** (França)  
**Apo Leung** (China)  
**Nnamdi Lumumba** (EUA)  
**Randy Miranda** (Filipinas)  
**Mandlenkosi Phangwa** (Azânia)  
**Liliana Plumeda** (México)  
**Milind Ranade** (Índia)  
**Klaus Schüller** (Alemanha)  
**Jung Sikhwa** (Coreia)  
**Mark Vassilev** (Rússia)  
**Nambiath Vasudevan** (Índia)

(\*) Afeganistão, Alemanha, Argélia, Azânia, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burkina Faso, Burundi, Canadá, Chile, China, Congo, Coreia, Egipto, Estado espanhol, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Itália, Marrocos, México, Palestina, Paquistão, Peru, Portugal, Roménia, Rússia, Senegal, Sri Lanka, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Zimbábue.

A cimeira da NATO (Washington, 8-11 de Julho de 2024) decidiu de uma nova “dotação-base de pelo menos 40 mil milhões de euros para a guerra na Ucrânia, bem como um alargamento da sua composição para o ano que vem”. Publicamos seguidamente correspondências da Ucrânia e da Rússia.

## Ucrânia

### Ameaçado com cinco anos de prisão por recusar a guerra

Não é só na Rússia de Putin que está aberta a caça a quem se oponha à guerra. Na Ucrânia, o recrutamento forçado intensifica-se, no intuito de mandar para a frente de guerra o maior número de homens em idade de combater. Assim, o governo ucraniano encarna-se especialmente contra quem interponha “objecção de consciência” para recusar o alistamento.

Yuri Cheliayenko, doutorando na universidade de Münster (Alemanha), objector de consciência e militante do Movimento dos Pacifistas Ucranianos,

que vive em Kiev, vai ser julgado, acusado de ter “justificado” a agressão russa. O seu crime? Ter mandado ao governo Zelensky uma declaração intitulada: “Agenda de Paz para a Ucrânia e o Mundo”, condenando todas as guerras e apelando a resistir à agressão russa por meios não violentos. Um “crime”, para o regime “democrático” de Zelensky, passível de pena de cinco anos de prisão. ■

**Informações transmitidas por membros da “Iniciativa comum de militantes internacionalistas ucranianos e russos contra a guerra e a exploração”**

## Rússia

### Mulheres de soldados na mira do regime

Por se terem ousado organizar pelo regresso dos companheiros, irmãos e filhos mobilizados\*, as mães de soldados da rede “Regresso a Casa” estão sendo ameaçadas. O ministério da justiça de Putin aumentou-as, bem como a Maria Andreeva, uma das animadoras, a uma lista de “agentes do estrangeiro”. Esta caracterização infamante acarreta enormes maçadas administrativas. Foi assim que o regime, em 2023, conseguiu pôr fim às actividades de um primeiro grupo, o Conselho das Mães e Esposas, que militava também pelo regresso dos soldados da frente.

As representantes do “Regresso a casa” reagiram assim: “Ao fim de meses de ameaças e de dilates nos meios de comunicação, as autoridades tomaram finalmente uma decisão a nosso respeito (...). Há provas? Claro que não. A ‘Regresso a Casa’ nunca teve financiamento de ninguém.” Concluem que “não fazemos tenções de parar.” ■

**Com os nossos correspondentes**

\* Foram mobilizados e mandados combater para a Ucrânia 300 mil homens desde Setembro de 2022.

**“Todos os partidos em França indicam apoio à Ucrânia”**

(enviado especial de Macron)

Alto funcionário que serviu governos da direita (Fillon) e de “esquerda” (Sapin), Pierre Heilbronn é o “enviado especial” de Macron para a reconstrução da Ucrânia. No jornal *La Tribune* (de 6 de Julho), exprime-se sem filtro por ocasião dos Encontros Económicos de Aix-en-Provence.

*Na véspera da segunda volta das eleições legislativas francesas, Pierre Heilbronn não se mostra preocupado. Seja qual for o resultado, diz, “a mensagem é de continuidade (...). Nos discursos que têm feito, todos os partidos indicam apoio à Ucrânia. Há debates, por vezes retóricos, sobre o aspecto militar (...). Mas a ajuda à Ucrânia é consensual, tanto mais que cria emprego em França e abre uma oportunidade de reindustrialização de alguns territórios.”*

O “enviado especial” sabe-o bem: Bardella deu garantias de continuar com a ajuda militar à Ucrânia exigida pela NATO; o programa da Nova Frente Popular fá-lo também.

O consenso não é meramente verbal, recorda Heilbronn, comprazendo-se com a decisão da União Europeia de “fornecer 50 mil milhões de euros à Ucrânia”, apoiada no Parlamento Europeu, em 27 de Fevereiro, pelo voto unânime dos eurodeputados franceses “de esquerda” (PS e LFI).

Quantias consideráveis, que acrescem às centenas de milhar de milhões já fornecidos a Zelensky. Heilbronn tem a honesti-

dade de não perder tempo com justificações de que é “ajuda ao povo ucraniano”, “para defender a democracia”, etc. Esta guerra é imperialista; joga-se a partilha dos mercados – e ele não o oculta.

A única motivação para a ajuda militar, diz ele, é permitir ao “sector privado” francês conseguir uma pequena parcela do bolo no mercado da “reconstrução” da Ucrânia: estão em cima da mesa 500 mil milhões de euros. “*Há espaço a ganhar*”, sustenta... Mas a concorrência é áspera: “*Quando vou à Ucrânia, também lá vejo muitas empresas turcas, americanas, coreanas, etc.*”. Principalmente americanas.

Então, seja qual for a cor política do próximo governo francês, este vai ter de defender os interesses dos “seus” capitalistas na repartição do espólio. Felicitando-se com as primeiras “presas de guerra”, como a “*compra da rede fixa de telefonia na Ucrânia por Xavier Niel* (o patrão da empresa francesa Free – NdR) (...) *por mais de mil milhões de euros*”.

A Ucrânia “*possui igualmente recursos naturais enormes*”.

Quanto aos projectos de Zelensky de fazer do seu país subempreiteiro de baixo custo da indústria militar mundial: os capitalistas franceses que se metam nisso: “*Há uma procura muito significativa em alguns países, como a Polónia, pelo que isso representa uma boa oportunidade para esses sectores.*” A guerra, para os capitalistas, começa por ser uma questão de “*oportunidade*”. Além de que, antes de reconstruir, vai ser preciso continuar a empresa de destruição, o que implica passar a uma nova etapa, pois, lamenta Heilbronn, “*ainda não chegámos lá em termos operacionais, à tal economia de guerra*”.

Pierre Heilbronn tem o mérito da franqueza: a “ajuda militar à Ucrânia” serve única e exclusivamente os interesses dos capitalistas na pilhagem da Ucrânia e na sobre-exploração da sua mão de obra. Que tal seja consensual, da RN aos macronistas, está na ordem natural das coisas. Mas os trabalhadores não elegeram os partidos da Nova Frente Popular para eles continuarem a financiar esta guerra imperialista. ■

**Dominique Ferré**